A FREQUÊNCIA AOS MUSEUS: UMA ANÁLISE À LUZ DOS ESTUDOS DE PIERRE BOURDIEU

Thiago Lucas R. Martins[1]

RESUMO: Este artigo discutea importância da sociologia de Pierre Bourdieu para a compreensão dos fatores que levam os indivíduos a frequentarem os museus. A sociologia bourdieusiana, atribui um papel de destaque a dimensão simbólica e cultural na produção e reprodução das estruturas de dominação. O objetivo deste texto é analisar a relação entre frequência a museus, *habitus, capital cultural* e grau de escolaridade dos indivíduos. Para fomentar este debate nos apoiaremos na sociologia de Bernard Lahire, sobretudo no seu conceito de *ator plural*. Os estudos deste autor ajudam a entender que a frequência a museu e a posição de classe, não estão necessariamente associados em uma sociedade contemporânea, marcada por uma forte diferença cultural. A problemática apresentada tem a intenção de contribuir para ampliar o debate sobre o acesso do público aos bens culturais, principalmente os museus.

PALAVRAS-CHAVE: Museus. Bens-culturais. Capital cultural. Habitus.

ABSTRACT: This article discusses the importance of Sociology built by Pierre Bourdieu to understand the factors that lead individuals to attend the museums.The Bourdieu's sociology, gives a prominent role to symbolic and cultural dimension in the production and reproduction of structures of domination.The objective of this paper is to analyze the relationship between frequency to museums, *habitus*, *cultural capital* and educational level of individuals. In this way, the problem presented is intended to contribute to broaden the debate on public access to cultural assets, especially museums.

KEY-WORDS: Museum. Cultural goods. Cultural capital. Habitus.

1 Introdução

A sociologia bourdieusiana busca compreender a realidade social atribuindo um papel de destaque a dimensão simbólica e cultural na produção e reprodução das estruturas de dominação. Ao longo deste artigo, visando assentar a importância das ideias de Bourdieu para o campo dos estudos sobre a frequência aos museus, serão analisados os principais fundamentos teóricos construídos pelo autorque envolve acesso à prática cultural, como *habitus*e *capital cultural.* Em um segundo momento, este estudo apresentará um debate teórico entre os conceitos bourdieusianos explicitados e os trabalhos de Bernard Lahire. As ideias deste autor auxiliam a entender que o acesso à prática cultural e a posição de classe,

[1] Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Mestre em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pedagogo na Fundação de Ensino de Contagem-FUNEC.

não estão necessariamente associados em uma sociedade contemporânea marcada por uma forte diferença cultural. Lahire entende que um sujeito não pode ser concebido apenas como representante de um determinado grupo social. Ao longo da sua trajetória, os agentes incorporariam esquemas de hábitos que poderiam conduzir suas ações. A intenção desse artigo é dialogar a sociologia de Bourdieu com a de Lahire, com a finalidade de ampliar o debate sobre o acesso às práticas culturais.

2 O *habitus* em Bourdieu e a frequência aos museus

Para analisar a frequência do público aos museus é necessária discorrer sobre o conceito de *habitus* de Bourdieu. É preciso deixar claro que existem algumas definições de *habitus* queestão presentes em outros estudos sociológicos[2], entretanto, é na teoria de Bourdieu que se encontra um novo debate teórico sobre este conceito. O *habitus* bourdieusiano ultrapassa a concepção clássica do pensamento sociológico que define uma oposição entre subjetivismo e objetivismo.

Segundo Bourdieu, as abordagens subjetivistas e objetivistas não seriam capazes de explicar como a estrutura social pode definir a ação dos sujeitos. Primeiro, porque o viés subjetivista atribui aos indivíduos uma excessiva consciência nas suas ações e interações. E o objetivismo, de caráter estruturalista, relaciona as ações dos indivíduos somente a condições objetivas e ao aspecto socioeconômico. Nogueira e Nogueira (2004) afirmam que a perspectiva bourdieusiana considera que

> Os indivíduos não seriam seres autônomos e autoconscientes, nem seres mecanicamente determinados pelas forças objetivas. Eles agiriam orientados por uma estrutura incorporada, um *habitus*, que refletiria as características da realidade social na qual eles foram anteriormente socializados (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2004, p. 33).

O *habitus* em Bourdieu seria a mediação entre o subjetivismo e o objetivismo. A estruturação das práticas não seria um processo puramente mecânico, nem um processo autônomo e deliberado pelos sujeitos. A estruturação das práticas sociais ocorreria para

[2] Segundo Wacquant (2007, p. 36), o Habitus é uma noção filosófica com origem no pensamento Aristotélico de hexis. Elaborada sobre a ideia de virtude, que significa um estado adquirido e estabelecido de caráter moral, ele orientaria nossos sentimentos e conduta. Ainda segundo Wacquant (2007), outros pensadores também fazem uso do conceito, Durkheim utiliza-o para realizar uma incursão sobre a evolução pedagógica na França (1904). Weber utiliza o Habitus na discussão sobre o ascetismo religioso (1918). Husserl designa por habitus a atividade mental entre experiências passadas e ações futuras (1947), enquanto Norbert Elias discorre sobre o habitus das civilizações e o habitus Alemão (1937).

Bourdieu, de dentro para fora, ou seja, a partir das experiências adquiridas em um ambiente social ou familiar "[...] os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação" (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p 20).

O *habitus* é um sistema de disposições duráveis estruturadas segundo o meio social dos sujeitos sendo o principio gerador das práticas e das representações. Bourdieu explicita que cada indivíduo, em razão da sua posição na estrutura social, estaria exposto a uma série de experiências que orientariam e estruturariam suas ações, gostos e percepções.

Sendo um conjunto de disposições que conduz a ação dos indivíduos, o *habitus* "[...] não seria aprendido conscientemente pelos próprios sujeitos, permanecendo, portanto, apenas como consciência ou senso prático, pelo simples fato de que, ao ser internalizado, ele passa a construir a própria natureza do indivíduo" (NOGUEIRA, 2002, p 154). Dito de outra forma, os sujeitos não estruturariam suas ações, percepções e gostos de forma consciente, eles tenderiam a seguir as características do seu grupo social de origem. Os indivíduos da mesma classe agiriam segundo o *habitus* herdado do seu grupo, compartilhando um modo semelhante de avaliar e perceber as situações práticas da vida social. O gosto e as preferências em matéria de cultura legitimada seriam construídos no interior do grupo social onde os sujeitos foram socializados. Inserindo este debate teórico para a presente pesquisa, o gosto para visitar museus, por exemplo, seria parte integrante do *habitus* das classes dominantes.

Bourdieu conclui esta ideia a partir de estudos teórico-empíricos realizados por ele e Alain Darbel (2003), em diferentes museus de arte presentes em cinco países europeus (Espanha, França Grécia, Holanda e Polônia). Os 9.226 questionários aplicados por Bourdieu, Darbel e uma grande equipe de pesquisadores correlacionaram uma série de variáveis, tais como, nível de escolaridade, profissão, renda, local de residência, faixa etária, museus visitados, dias e horários em que ocorreram as visitas, tempo médio das visitas, motivo declarado da visita, etc. Em todos os países pesquisados, os autores concluem que "a frequência aos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser quase exclusivo das classes cultas." (BOURDIEU, DARBEL, 2003, p 37)[3].

[3] O estudo realizado por Bourdieu e Alain Darbel está presente na obra *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Publicado originalmente em 1966.

É interessante ressaltar que a respeito das classes populares, os autores afirmam que os sujeitos inseridos nessa posição social se interessariam pelas obras que lhe são mais acessíveis, como móveis, cerâmicas e objetos históricos. O interesse ocorreria, pois estes objetos ou seriam fruto do seu contexto, ou porque a "cultura histórica" exigida para a apropriação simbólica de tais objetos seria mais comum ao contexto das classes populares. Bourdieu e Darbel (2003) explicitam que existe uma relação entre as obras oferecidas pelos museus e o grau de competência que os visitantes possuem para decifrar e apreender as informações propostas pelas obras. Com base nos resultados dos questionários aplicados, os autores constatam que os diferentes museus europeus possuem obras que só adquirem sentido e valor para os sujeitos capazes de decifrá-las e saboreá-las. Os museus que apresentariam obras da cultura legitimada seriam mais visitados pelo público escolarizado, enquanto, os museus históricos e arqueológicos seriam frequentados pelas classes médias e em menor nível, pelas classes populares. Durante o estudo, os pesquisadores encontram que

> tanto o Museu de Colmar, que apresentam um dos quadros mais célebres da França depois da *Mona Lisa,* quanto os Museu de Dijon e de Autun, possuidores de um grande numero de obras famosas – o primeiro situado em uma região turística, enquanto o segundo se destaca pela qualidade excepcional da apresentação – têm os níveis de informação mais elevados e o público mais aristocrático. [...] Pelo contrário o nível é baixo no Museu de Dreux, sobretudo, de caráter histórico; no Museu de Douai [...] no museu de Belas Artes de Marselha [...] no museu de Moulins que apresenta, sobretudo, objetos arqueológicos (BOURDIEU, DARBEL, 2003, p. 129)

Embora o interesse pelos museus históricos e arqueológicos ocorra pelas classes médias e populares os autores esclarecem que às visitas empreendidas a museus pelas classes populares, especificamente, ocorrem mais pelo fruto do acaso do que por interesse ou conhecimento prévio em relação às obras expostas. Esta classe não apresentaria as disposições necessárias para empreender outras visitas, sendo sua frequência condicionada ao acaso.

Para Bourdieu os indivíduos teriam suas preferências e realizariam suas escolhas, devido a um "senso de homologia" entre bens culturais e posição social. Essa correlação permitiria aos sujeitos desenvolver uma identificação com os bens culturais que estão "adequados a sua posição e ajustados entre si por estarem situados em posições sumariamente equivalentes [...]" (BOURDIEU, 2008, p. 217). Dito de outro modo, os indivíduos realizariam suas escolhas e, consequentemente, estruturariam seus gostos e preferências de acordo com as características do seu grupo social de origem. Para o autor, o consumo dos bens da cultura legitimada seria realizado por aqueles agentes situados nas posições sociais dominantes. A

longa familiaridade com os bens culturais que somente os sujeitos socializados nas classes dominantes possuiriam e a influência do sistema escolar, desenvolveria um sistema de disposições, um *habitus,* que orientaria o gosto para a apropriação dos bens da cultura legitimada.

Sendo o produto dos condicionamentos associados à determinada posição de classe, o gosto e as preferências pela cultura legitimada ocorreriam devido à relação entre o nível de instrução e a origem social dos sujeitos. Assim, a apropriação material ou simbólica dos bens da cultura legitimada dar-se-ia pelas classes mais escolarizadas e ricas em *capital cultural*.

3 A relação entre o capital cultural e a frequência aos museus

A sociologia bourdieusiana considera que a posse material ou simbólica dos bens da cultura legitimada é um mecanismo de distinção. Os bens culturais seriam classificados e hierarquizados de acordo com o *habitus* das classes dominantes, ou seja, o *habitus* de classe definiria o que é uma prática cultural legitimada ou não. Para Nogueira e Nogueira (2004) essas classificações

> [...] incidiriam não apenas sobre os bens culturais num sentido mais estrito, como a musica, arte ou literatura, mas sobre todas as representações e práticas cotidianas. Assim, as preferencias e práticas esportivas, os hábitos culinários, o vestuário, a mobília e a decoração da casa, as expressões corporais, as opções de lazer e de turismo, tudo seria socialmente classificado e hierarquizado (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2004, p. 34).

Segundo Bourdieu, a posse dos bens culturais reforçaria a divisão entre grupos sociais dominantes e dominados. Os indivíduos seriam classificados a partir do tipo de bem cultural que consomem, produzem ou apreciam. Em outras palavras, os indivíduos que

> [...] de alguma forma, se envolvem com bens culturais considerados superiores, ganham prestigio e poder, seja no interior de um campo especifico, seja na escala da sociedade como um todo. Pode-se dizer que, por meio destes bens, eles se distinguem dos grupos socialmente inferiorizados (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2004, p. 35).

Para se referir ao poder e prestígio que indivíduos ganham pela apropriação material ou simbólica dos bens culturais, Bourdieu constrói o conceito de *capital cultural*. Na teoria bourdieusiana, a cultura legitimada, por conferir poder e status aos sujeitos, passa a ser considerada como um instrumento de distinção, tanto quanto o capital econômico. O domínio do *capital cultural* propicia ao individuo uma serie de recompensas no sistema escolar. Os agentes que, por exemplo, dominam a língua culta ou frequentam museus, beneficiam-se de várias vantagens sociais, no sistema escolar e no mercado de trabalho.

Essas vantagens ocorreriam, pois, o sistema escolar valorizaria comportamentos, atitudes e habilidades linguísticas que apenas os sujeitos socializados na cultura dominante poderiam apresentar. "Da mesma forma, o mercado de trabalho valorizaria, para o acesso a posições de maior prestígio [...] a capacidade do candidato se comportar de forma elegante, ou seja, de acordo com os padrões da cultura dominante" (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2004, p. 36).

O *capital cultural* é, portanto, um conjunto de qualificações intelectuais produzidos e/ou transmitidos pela família, e reforçado e legitimado pela escola. Ele pode existir sob três estados, o incorporado, o objetivado e o institucionalizado. O primeiro se organiza como disposições douradoras formadas no interior dos corpos e convertidas em posturas corporais, preferências estéticas, habilidades linguísticas, etc. Como parte integrante da pessoa,

> [...] esse capital "pessoal" não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do titulo de propriedade ou mesmo do titulo de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição (BOURDIEU, 1998, p. 75)

O capital cultural objetivado é transmissível, e se estabelece pela posse de bens materiais que refletem a cultura dominante, tais como quadros de obras de arte, livros, laboratórios e coleções. O capital cultural em estado institucionalizado manifesta-se sob a forma de certificados, atestado e diplomas, que podem ser convertidos futuramente em capital econômico. O diploma possui um enorme valor simbólico no meio social, e da mesma maneira, pode garantir ao seu portador credibilidade no que diz respeito à cultura.

De acordo com a Bourdieu, o *capital cultural* garante a distinção entre os agentes, e evidencia uma hierarquia social separando as classes dominantes (aqueles que apreciam ou produzem a cultura legitimada) dos grupos socialmente inferiorizados.

Para o sociólogo, a escola, assim como a família, também é responsável por criar as disposições fundamentais para a posse dos bens da cultura legitimada. Em *A distinção* (2008), Bourdieu constrói o conceito de *capital escolar* para se referir aos diplomas obtidos pelos agentes ao longo da socialização no sistema escolar. Pela lógica de transmissão do *capital cultural* e do funcionamento do sistema escolar, existe uma relação estreita que se estabelece entre o *capital cultural* herdado da família e o *capital escolar*. Para Bourdieu, o capital escolar é o produto

> "garantido dos efeitos acumulados da transmissão cultural assegurada pela família e da transmissão cultural assegurada pela escola (cuja eficácia depende da importância do capital cultural diretamente herdado da família). Pelas ações de inculcação e imposição de valor exercidas pela instituição escolar, esta contribui também [...] para construir a disposição geral e transponível em relação a cultura legitima" (BOURDIEU, 2008, p. 27).

A instituição escolar, sob a forma de *capital escolar,* e o *capital cultural* herdado da família produzem as disposições necessárias para a apropriação material ou simbólica dos bens da cultura dominante. Segundo Nogueira (2010), quando o *capital cultural* é transmitido da família dos meios favorecidos para suas crianças, elas herdam todo um patrimônio cultural das suas famílias,

> [...] composto de estruturas mentais, domínio da língua culta, cultura geral, posturas corporais, disposições estéticas, bens culturais variados, etc., os quais se transformam em vantagens, uma vez investidos no mercado escolar. Mas isso só acontece porque os conteúdos curriculares impostos aos alunos e os sistemas de avaliação da aprendizagem praticados pela instituição escolar se assentam na cultura legitima que é [...] composta pelos produtos simbólicos socialmente valorizados (as letras, as ciências e as artes) (NOGUEIRA, 2010, p.2).

Bourdieu (1998) esclarece que a precoce familiarização com as obras da cultura erudita por intermédio do meio familiar e da escola, são fundamentais para a iniciação com a cultura legitimada, pois "[...] a maioria dos visitantes faz sua primeira visita ao museu antes da idade de quinze anos e a parte relativa das visitas cresce, regularmente à medida que se eleva na hierarquia social" (BOURDIEU, 1998, p 60).

De acordo com o autor, as desigualdades de acesso aos bens culturais são, também, desigualdades em relação à escola. Em outras palavras, os sujeitos que frequentam museus, teatro e concertos[4], por exemplo, têm maiores possibilidades de sucesso escolar. Esse sucesso ocorreria porque a instituição escolar valorizaria as habilidades, atitudes e comportamentos que somente os agentes socializados na cultura dominante e dotados de *capital cultural* poderiam apresentar.

A sociologia de Pierre Bourdieu, portanto, se destaca por realizar uma análise da sociedade e seus processos de dominação, tendo como princípio o fator cultural. Os conceitos que o autor desenvolveu de *habitus* e*capital cultural* são essenciais para entender algumas

[4] No caso especifico dos concertos de música erudita, Bourdieu (2008) afirma que os concertos musicais são a melhor prática para determinar a condição de classe "pelo fato da raridade das condições de aquisição das disposições correspondentes, do que a frequência ao concerto ou a prática de musica "nobre" [...] Mas é também porque a exibição de "cultura musical" não é uma ostentação cultural como as outras: em sua definição social, "a cultura musical" é algo diferente da simples soma de saberes e experiências [...]. A música é a mais espiritualista das artes do espirito; além disso, o amor pela música é uma garantia de espiritualidade" (BOURDIEU, 2008, 23).

questões desta pesquisa. Como vimos, existem outros autores, como Bernard Lahire, que redimensionam o conceito de *habitus* construído por Bourdieu.

4 As experiências de socialização e o ator plural de Bernard Lahire

Os trabalhos de Bernard Lahire estabelecem um diálogo com a sociologia de Bourdieu. Lahire propõe um questionamento sobre a teoria Bourdieusiana, apontando que "nenhum individuo se reduz ao seu pertencimento a uma única coletividade, seja ela a família, a classe social, o grupo de status, a religião, ou qualquer outra" (NOGUEIRA, 2013, p. 3). Em outras palavras, Lahire afirma que um sujeito não pode ser concebido apenas como representante puro de um determinado grupo social. Ao longo da sua trajetória, os agentes vivem múltiplas experiências, e em diferentes espaços sociais, que poderiam conduzir suas ações.

Por ter como objeto de estudo o indivíduo, a teoria de Lahire se distancia do viés macrossociológico, presente na teoria bourdieusiana, por considerar que este viés é

> [...] uma simplificação da realidade social tal como vivida no plano individual. Eles são úteis por permitirem uma visão de conjunto da sociedade e dos processos sociais. Não poderiam, no entanto, ser traspostos diretamente para a escala individual, sob o risco de produzirem uma visão grosseira e enganadora da realidade individual. (NOGUEIRA, 2013, p. 2)

Como dito anteriormente, Lahire considera o sujeito individual como um importante objeto sociológico e expõe que cada sujeito possui uma historia social particular. Por meio das suas experiências em vários contextos sociais o indivíduo agiria de forma singular, orientado por um conjunto de disposições formadas na família, escola, ciclo de amizades, etc.

O sentido do conceito de disposições tratado por Lahire se refere a uma experiência incorporada de socialização, adquirida mediante as experiências individuais dos sujeitos. A disposição "[...] não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir e agir que se ajusta com flexibilidade as diferentes situações encontradas" (LAHIRE, 2004, p. 30).

Uma das críticas de Lahire sobre a teoria de Bourdieu se relaciona ao conceito de *habitus*. Para Lahire o fato de um agente ter sido socializado em determinada posição de classe não garante que ele construa apenas disposições típicas desta posição. Lahire afirma que para a construção de disposições, é necessário considerar as experiências socializadoras vividas pelos indivíduos (na escola, família, rede de amigos, ambiente de trabalho, etc.).

Lahire realiza outra crítica sobre a teoria do *habitus* ao afirmar que Bourdieu, ao propor este conceito, teria construído um homem homogêneo, guiado por um único sistema de disposições. Os indivíduos, de acordo com a sociologia de Lahire, não agiriam de forma homogênea nas situações da vida e, sobretudo,

> não agiriam coerentemente o tempo todo a partir de um sistema de disposições homogêneo, coerente e único. Apoiado no conceito de *habitus*, Lahire afirma que Bourdieu constrói um homem perfeito, enquanto a realidade demonstra ser o indivíduo altamente complexo (SETTON, 2009, p. 299).

Setton (2009) explicita que a teoria lahireana considera que existem duas correntes de pensamento acerca da teoria da ação. A primeira se baseia na unicidade do ator, e a segunda pensa o ator e sua fragmentação interna. Isto é, de um lado, estuda-se "sobre a visão de mundo, a relação com o mundo ou a fórmula geradora das práticas; de outro, admite-se a multiplicidade de saberes incorporados, de experiências vividas, do "eu" e dos papéis interiorizados pelo ator." (SETTON, 2009, p. 299). Segundo Lahire, a teoria do *habitus* de Bourdieu se posiciona na primeira corrente teórica, e ela não seria suficiente para compreender o sujeito individual. O *habitus* bourdieusiano, não consideraria os múltiplos contextos sociais e experiências de socialização vividas por cada sujeito. A teoria lahireana considera que ao longo da vida, os sujeitos percorrem e confrontam-se com vários espaços de socialização heterogêneos. O autor pontua que

> [...] entre a família a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de comunicação, etc., que são muitas vezes levados a frequentar, os filhos de nossas formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até em contradição umas com as outras do ponto de vista da socialização que elas desenvolvem (LAHIRE, 2002, p. 27).

A partir do momento que o sujeito confronta e percorre por uma pluralidade de mundos sociais heterogêneos e até contraditórios, ele incorpora um estoque de esquemas de ação ou hábitos heterogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam de acordo com o contexto social que ele será levado a evoluir. "Pode-se-ia resumir tudo isso dizendo que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora" (LAHIRE, 2002, p. 31).

Para denominar este sujeito que ocupa e participa de universos sociais heterogêneos e incorpora esquemas de ação e de habitus também heterogêneos, Lahire (2002) constrói o conceito de ator plural. O ator plural seria, portanto, produto da experiência

> "- amiúde precoce - de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. No curso de sua trajetória ou simultaneamente no curso de um mesmo período de tempo, participou de universos sociais variados, ocupando ai posições diferentes" (LAHIRE, 2002, p 37).

De acordo com Lahire (2002), essas experiências de socialização são incorporadas pelos indivíduos e se organizam como repertórios de esquemas de ação (esquema percepção, esquemas sensório-motores, de avaliação, de apreciação, etc.), prontos para serem desencadeados em determinada situação social. O autor afirma, que estes esquemas de ação (de hábitos) "são um conjunto de sínteses de experiências sociais que foram construídas/incorporadas durante a socialização anterior nos âmbitos sociais limitados/delimitados [...]" (LAHIRE, 2002, p. 37). Lahire (2002) explicita que os esquemas de ação são como produtos de um "estoque" [5], ou seja, como um conjunto de mercadorias a espera, disponíveis no mercado ou numa loja. Esses produtos (esquemas de ação) destinam-se a usos diferentes, "postos temporária e duravelmente em reserva à espera dos desencadeadores de sua mobilização" (LAHIRE, 2002, p. 37).

A ação (prática ou comportamento) para Lahire (2002) é baseadas nas experiências passadas individuais que foram incorporadas em forma de esquemas de ação (esquemas de avaliação, esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, etc.), de hábitos, de maneiras (de ver, sentir, dizer e fazer), e conforme uma situação social presente. "Diante de cada situação "nova" que se apresenta a ele, o ator agirá "mobilizando" (sem necessária consciência dessa mobilização) esquemas incorporados chamados pela situação" (LAHIRE, 2002, p. 69).

Estes esquemas de ação são ativados a partir de solicitações exteriores advindas tanto do universo social, quanto das relações estabelecidas com outros atores durante o ciclo da vida. As experiências passadas individuais como, a reencenação de um cenário comum (paisagem, espaço urbano, etc.), uma situação auditiva, gustativa ou olfativa pode desencadear uma lembrança "[...] ou instigar à ação provocando a entrada em movimento de

[5] Lahire (2002) utiliza a metáfora do "estoque" para se referir ao estoque de esquemas de ação que os indivíduos incorporam nos diversos contextos sociais que percorrem.

um esquema de ação, de um hábito (o "isto me faz agir desse ou daquele modo")" (LAHIRE, 2002, p. 72). Para o autor, um simples acontecimento pode ativar uma sensação passada e, ao mesmo tempo, um conjunto de experiências e contexto que estavam associados a ele. É a partir da relação entre passado incorporado e situação presente que permite o ator poderá agir nas situações sociais encontradas.

5 Conclusão

Ao longo deste texto pôde-se perceber a importância da sociologia bourdieusiana para compreensão da realidade social. A teoria construída por Bourdieu se destaca por fazer uma análise da sociedade atribuindo um papel de destaque a dimensão simbólica e cultural na produção e reprodução das estruturas de dominação. Os conceitos de *habitus* e *capital cultural,* que foram vistos durante o texto, são essenciais para entender os processos de apropriação material e simbólica dos bens culturais. Por outro lado, os trabalhos deBernard Lahire redimensionam o conceito de *habitus* construído por Bourdieu e auxiliam a entender que o acesso à prática cultural (frequência a museus, acesso a teatro, cinema e concertos de música erudita) e a posição de classe não estão necessariamente associados em uma sociedade contemporânea marcada por uma forte diferença cultural.Os dois sociólogos trouxeram contribuições interessantes para o presente artigo, uma vez que, analisam os processos sociais de forma macro e micro social.

6 Referências

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura. In: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 39-64.

_____. **Esboço de uma teoria prática**. In: Ortiz, Renato (org). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo, Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2003.

_____. Os três Estados do Capital Cultural. In. BOURDIEU, P. **Escritos de Educação,** Petrópolis, Vozes, 2003.

LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.
_____. **Retratos Sociológicos**: Disposição e variações individuais, São Paulo, Artmed Editora, 2004.

NOGUEIRA, M.A. **Capital Cultural**. In: OLIVEIRA, D.A; DUARTE, A.M.C; VIEIRA, L.M.F. DICIONARIO: Trabalho, profissão e condição docente**.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. 2010. CDROM.

NOGUEIRA C. M.; NOGUEIRA M. A. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. Educação & Sociedade, Campinas, v. 78, p. 15-36, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. **Entre o subjetivismo e o objetivismo**: Considerações sobre o conceito de habitus em Pierre Bourdieu. Teoria e Sociedade, Belo Horizonte, n.10, jul/dez., p. 144- 169, 2002.

_____. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd. Goiânia. Outubro, 2013.

_____. **Escolha racional ou disposições incorporadas**: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. Estudos de Sociologia (Recife), v. 18, p. 10-40, 2012.
SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do*habitus*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 296-307, maio-ago. 2009.

WACQUANT, L. J. D. **Esclarecer o habitus**. Disponível em:<http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/esclarecerohabitus.pdf>. Acesso em 05/12/ 2007.